

---

# O processo de marginalização de António Botto: poesia, homoerotismo e hostilidade crítica

*The marginalization process of António Botto: poetry, homoeroticism, and critical hostility*

Oscar José de Paula Neto

*Universidade Federal Fluminense*

## DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n54a1374>

## RESUMO

O presente artigo apresenta um recorte da trajetória do poeta António Botto e a maneira como ele precisou reagir constantemente contra um campo literário que buscou desqualificar o seu projeto poético, principalmente por causa do teor homoerótico de suas composições. Desde as polêmicas da Literatura de Sodoma no começo da década de 1920, o poeta sofreu com as consequências dos discursos homofóbicos e heterossexistas que marcavam o ambiente cultural português da primeira metade do século XX. Embora tenha sido um evento aparentemente efêmero, durando poucos meses entre 1922 e 1923, o escritor sofreu represálias contínuas que propagavam ressonâncias do ocorrido, mesmo que indiretamente. Para isso, analisaremos um conjunto de textos, em prosa e verso, que tematizaram a resistência de Botto frente a uma crítica hostil à sua poesia, desde os anos vinte até o período do seu exílio no Brasil, quando ainda era possível perceber uma certa indisposição crítica contra ele.

**PALAVRAS-CHAVE:** António Botto; Poesia Portuguesa; Crítica literária; Homoerotismo.

**ABSTRACT**

This article examines the career of poet António Botto and the ways in which he was constantly forced to respond to a literary field that sought to disqualify his poetic project, primarily due to the homoerotic content of his work. Since the *Literatura de Sodoma* controversies of the early 1920s, Botto endured the consequences of the homophobic and heterosexist discourses that shaped the Portuguese cultural landscape in the first half of the 20th century. Although the controversy itself was seemingly short-lived, lasting only a few months between 1922 and 1923, the poet faced ongoing reprisals that echoed its effects, even if indirectly. To this end, this study analyzes a selection of prose and verse texts that reflect Botto's resistance to hostile critiques of his poetry, from the 1920s to the period of his exile in Brazil, when traces of critical opposition to his work could still be observed.

**KEYWORDS:** António Botto; Portuguese poetry; Literary criticism; Homoeroticism.

Nos primeiros anos da década de 1920, membros notáveis da intelectualidade portuguesa se viram envolvidos nas discussões em torno do “maior escândalo erótico-social do século XX em Portugal”, como batizou o escritor Zetho Cunha Gonçalves em livro que reúne os principais textos que fomentaram os conflitos entre a retrógrada juventude católica e intelectuais como Fernando Pessoa, Raul Leal, Marcelo Caetano e Júlio Dantas. Entre 1922 e 1923, membros da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa reagiram à disseminação do que foi nomeado de “*Literatura de Sodoma*”, produções literárias que transgrediam os costumes e as moralidades da época. Os livros atacados pela turba conservadora foram a segunda edição de *Canções*, de António Botto, publicada em 1922, um dos principais motivadores das discussões, *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal, e *Decadência*, de Judith Teixeira, editados no ano seguinte. Além disso, Fernando Pessoa, uma das principais vozes e apologistas da polêmica, também foi confrontado pelos estudantes devido às suas defesas irônicas e

intransigentes em prol dos escritores censurados pelo aparato estatal. Foi o seu texto publicado na revista *Contemporânea*, “António Botto e o ideal estético em Portugal”, em defesa de *Canções*, que desencadeou toda a contenda, quando definiu Botto como o único poeta português a quem a designação de esteta caberia (Pessoa, 1922).

De uma forma geral, tais livros afirmavam a existência de sexualidades desviantes e fissuras nas políticas de gênero do país, toleradas enquanto se mantivessem nas frinchas obscuras da sociedade, assujeitados aos seus lugares de párias sociais, atrelados aos estigmas de doença e de degeneração propostos pelos discursos científicos e religiosos vigentes. Botto, por exemplo, mais do que os outros autores perseguidos, apresentava em sua poesia um modo franco, despojado e ousado, sem subterfúgios ou disfarces, de representar as vivências e os desejos homoeróticos. A ausência de filtros de suas composições, voltadas ao consumo de um grande público e não restritas às tertúlias e outros espaços onde circulavam produções pornográficas e homoeróticas, foi pioneira no meio português, única no tratamento tão explícito até o alvorecer das transformações surgidas com a abertura pós-ditatorial.

A perseguição às obras apreendidas evidenciava pungentemente a existência de uma subcultura homossexual consolidada em Lisboa nas primeiras décadas do século XX. Essa subcultura se caracterizava tanto pela afirmação de um estilo de vida considerado excêntrico quanto pela reivindicação do direito à existência, como demonstram as múltiplas referências à emergência do indivíduo homossexual<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Segundo os postulados de Michel Foucault em *História da Sexualidade* (2014), a identidade homossexual é uma construção histórica. Antes do século XIX, a homossexualidade era compreendida principalmente como um conjunto de atos e não como uma identidade fixa. No entanto, com o avanço da medicina, da psiquiatria e da sexologia – instâncias responsáveis pelo controle e norma-

aos espaços de homosociabilidade e às práticas compartilhadas entre os integrantes do grupo (Curopos, 2021). A recepção negativa dessas publicações deve-se à explícita homoeroticidade retratada, que intensificava temores acerca de uma suposta degeneração da raça e dos costumes, um debate central no discurso reacionário finissecurar. Portanto, as tentativas de silenciamento dessas obras se inseriam em um embate que ultrapassava a esfera literária, revelando um conflito mais amplo em torno das normas políticas, sociais e culturais da época<sup>2</sup>.

Assim, os livros referidos, sintomas da decadência que se instalara na sociedade portuguesa, foram duramente criticados por parte da

---

tização dos corpos – passou-se a conceber o “homossexual” como um sujeito distinto, definido essencialmente por sua sexualidade. No início do século XX, essa identidade foi fortemente influenciada por discursos médicos, jurídicos, religiosos e psiquiátricos, que a distorceram ao associá-la a muitas concepções errôneas ou inconclusas, impactando o imaginário social e moldando as percepções e relações entre os diferentes grupos. Assim, apesar de haver sujeitos que se relacionavam afetivamente e sexualmente com outros do mesmo sexo biológico na primeira metade do século XX, esses relacionamentos não indicavam uma marca identitária, o que só ocorre, de fato, após os desdobramentos da revolta de Stonewall, na década de 1960.

<sup>2</sup> No mesmo período, outro episódio desafiador das normas morais estabelecidas revelou as mudanças culturais que tais manifestações conservadoras buscavam conter. Em fevereiro de 1923, durante o carnaval daquele ano, um baile realizado no bairro da Graça, região popular de Lisboa, gerou alguma comoção ao expor práticas desviantes. Um grupo de homens, cujo número variava entre quatorze e dezesseis conforme os registros, foi detido e multado por participar do evento trajados em vestes femininas. Embora a cobertura midiática tenha sido escassa e pautada pelo tom jocoso e pela ridicularização, o caso contribuiu para o acirramento das repressões contra manifestações consideradas transgressoras e destabilizadoras da ordem social. O baile, somado às outras expressões literárias combatidas, expunha um clima de liberalização da rigidez dos costumes, o que perturbava os setores conservadores.

ala conservadora estudantil, com o apoio de jornais de grande circulação como *A Capital* e *O Século*, chegando a ser apreendidos das livrarias de Lisboa por ordem do major Viriato Lobo, o governador civil da cidade no período. Futuramente, algumas das principais lideranças envolvidas na campanha moralizadora exerceram cargos de importância no regime salazarista, como Pedro Teotónio Pereira, ocupante de vários postos governamentais e diplomáticos, e Marcelo Caetano, figura política que sucedeu o ditador António Oliveira Salazar até ser deposto pela Revolução dos Cravos. De certa maneira, o combate contra as transgressoras obras literárias antecede o ambiente autoritário e protofascista que viria a se consolidar em Portugal e em toda a Europa nas décadas seguintes. Após o primeiro momento, substanciado na voz do estudante Álvaro Maia no início da contenda, em 1926, às vésperas do golpe que pôs fim à Primeira República e deu origem à ditadura militar que iria descambar no Estado Novo, Marcelo Caetano tenta requestrar a polémica num artigo da revista católica *Ordem Nova*, intitulado “Arte sem moral nenhuma”, atacando novamente Raul Leal, António Botto e Judith Teixeira, bodes expiatórios da tentativa de lançar as bases para a “censura prévia” que seria instalada pouco depois e duraria até 1974 (Gonçalves, 2014, p. 47-48).

Em decorrência das discussões incendiárias da Literatura de Sodoma, os três autores atacados saíram chamuscados dos conflitos que se desenrolaram nos principais periódicos da época e nos panfletos que circularam nos meios intelectuais. Judith Teixeira, devido à sua condição feminina, não obteve o mesmo tratamento e apoio do campo literário progressista desprendido aos homens vilipendiados pelos estudantes. Conquanto tenha tentado resistir, dando continuidade à publicação de novos livros de poesia e prosa e no empenho de editar a revista modernista *Europa*, com apenas três volumes publicados em 1925, a poetisa desapareceu da vida pública poucos anos

depois do ocorrido. Raul Leal, um dos mais combativos dentre os atacados nas discussões em defesa das obras consideradas imorais, foi escarnecido e incompreendido nos anos seguintes, chegando a ser processado por “atentado ao pudor” na velhice. Em carta enviada a Jorge de Sena em 1958, o escritor acusa Pedro Teotónio Pereira, naquela altura um importante membro do regime salazarista, de persegui-lo, imputando-lhe acusações de “actos absolutamente injustificados de homossexualidade”, numa aventada perseguição política que se arrastou pelos anos (Leal; Sena, 2010, p. 83-86).

Por sua vez, António Botto, embora também tenha sido impactado pela polémica, transformou toda a exposição adquirida em matéria-prima para a criação de sua aura de celebridade literária, tornando-se um dos autores mais lidos, debatidos e comentados até o início dos anos quarenta. Durante o período, o poeta sustentou a provocativa performance de dândi pelas ruas de Lisboa, um esteta responsável por ostentar sua personalidade “desarmariada” na sociedade portuguesa, afinal a sua sexualidade era elemento sobejamente conhecido nos meios artísticos. Um relato de 1929 publicado no *Repórter X*, jornal sensacionalista de grande sucesso, dá amostras da popularidade de Botto, devido, sobretudo, à sua pose desafiadora, um tanto feminil, motivo de escândalo e de ridicularização por vários segmentos sociais:

conheço António Botto desde os primeiros versos; das primeiras tentativas de triunfo na vida. Mas toda a gente conhece, afinal, o Botto. Ele é um personagem marcante do desfile lisboeta. Quando ele passa, notam-no; apontam-no; cochicham o seu nome. Mesmo fora de Lisboa evocam-no, repetem ‘blagues’, por vezes caluniosas, pelo prazer de fazer rir os parceiros mesmo ao preço duma calúnia... Já o meteram numa revista... Os jornais humorísticos picam-no de ‘charges’... E ele, indiferente quando a sua popularidade se torna grosseira; disfarça uma ponte de vaidade quando se sente discutido, popularizado, notado, saliente na lisu-

ra monótona da vida portuguesa. (...) Magro, diáfano, louro umas vezes, outras moreno – Botto já pintou os cabelos, por capricho, eternamente efebo recordando um pajem florentino, movendo-se ao ‘ralanti’ numa lassa expressão de cansaço, abrindo muito os olhos redondos e apertando a boca num coração de carta de jogar, desconcertante nas suas teorias e misterioso propositadamente – ele criou só para si um tipo de beleza estilizada masculina, uma estética moderna rimando como nos versos, a sua pessoa, os seus fatos e a sua vida. (...) Ambicioso e pobre – quis vencer; quis que o seu talento fosse temperado pelo ouro da glória e lhe desse celebridade e uma existência cômoda. Conseguiu-o – embora para isso sacrificasse muito do seu amor próprio; embora se tivesse de tornar em herói das mil anedotas que correm a seu respeito... No fundo os que julgam desfrutá-lo, troçá-lo – são troçados e desfrutados por ele que ele tem muito mais talento do que os outros... (A tragédia (...), 1929, p. 1 e 3).

Entretanto, com o decorrer do tempo, do avanço do conservadorismo político e da censura, Botto sofreu retaliações diversas que marcaram a sua trajetória pessoal e literária, apesar de ele ser simpático ao salazarismo e outras instâncias conservadoras. Tais represálias perseguiram-no até o fim da vida, quando foi atropelado por um caminhão das forças militares brasileiras numa noite de março de 1959 em Copacabana. Naquele momento, o poeta vivia em extrema precariedade econômica e com a saúde sensivelmente debilitada, amargando o involuntário ostracismo resultante do enfraquecimento de suas redes literárias, ocasionado por sua personalidade errática, responsável por afastá-lo dos principais aliados do mundo literário, e do exílio no Brasil, iniciado em 1947. Desde o advento da Literatura de Sodoma, Botto continuamente precisou reafirmar o seu próprio talento literário, necessitando recorrer a variadas estratégias de validação do seu conjunto poético e outras facetas de suas criações. Por sorte, contou com a aprovação de vultos importantes

da Literatura Portuguesa, que ratificaram a modernidade de sua poesia, como Fernando Pessoa, José Régio e outros críticos da *presença*, além de despertar o interesse de um público ávido por transgressões literárias ou em busca das ricas ligações com o consumo cultural que existiam em suas composições, como a relação com a estética do fado, ou das expressões da poética popular ibérica, com o uso recorrente de quadras, vilancetes e redondilhas.

Desse modo, pode-se afirmar que António Botto, juntamente com os outros escritores atacados, sofreu uma espécie de “cancelamento” *avant la lettre*, onde foi combatido veementemente pelos setores mais retrógrados da sociedade portuguesa, assim como por muitas personalidades progressistas. Além da perseguição dos conservadores religiosos à sua descarada homossexualidade, Botto também foi alvo de ataques de diversos membros do campo literário português, afinal uma parcela considerável dos críticos e escritores coetâneos o desprezavam não apenas por seu estilo de escrita, lida por muitos como simplória ou exagerada, mas também por sua personalidade extravagante e as suas origens populares, além de sua baixa escolaridade e capital cultural. Por conseguinte, o caso do autor permite-nos refletir o cancelamento como um fenômeno histórico de longa duração, percebendo o seu impacto duradouro em determinados indivíduos em diferentes contextos sociais, orquestrado por instituições e normas sociais rígidas, que silenciaram e marginalizaram certas vozes destoantes do coro uníssono dos agentes sociais que detinham maior poder na época. Embora a poesia bottiana tenha tido uma boa acolhida crítica e de público inicialmente, a sua recepção oscilante, com o decorrer do tempo, revela as nuances das dinâmicas de rejeição, censura e exclusão que sentenciou o autor a um lugar menor no cânone literário. O projeto poético bottiano, com o desenrolar das novas preocupações literárias, estéticas e sociais, foi sendo continuamente apagado da memória cultural portuguesa, retomado apenas

no instante da emergência de interesses renovados e busca de reconhecimento de escritores que ousaram desafiar as regras da sociedade heterossexista e homofóbica.

Diferentemente de Raul Leal, a participação de Botto na Literatura de Sodoma foi bastante pequena, contando apenas com um simples panfleto no auge das discussões. Em “O meu manifesto a toda a gente”, o único posicionamento circulante do poeta no conflito em 1923, Botto demonstra uma certa indiferença performática com o furor causado pela sua poesia, numa atitude que demonstrava certo desprezo e fingido desinteresse pelo conteúdo das críticas e da apreensão do seu livro:

apreenderam o meu livro *Canções* porque nele canto, em forma elegantemente notável, os encantos do meu corpo e as sensações da minha alma. Sim, apreenderam esse livro que é um raro ensinamento de beleza e uma grande lição de estética a todas as mocidades.

Alguns dos altos espíritos que me acompanham, e que são os mais altos espíritos do meu tempo, dizem-me, de vez em quando, que as minhas *Canções* de Renascença são constantemente insultadas, e que o meu nome de Artista é diariamente agredido. Assim pode ser, mas custa-me a acreditar. Eu vivo tanto nas garras da minha Arte – a quem me entrego mais e mais – que nada ouço, nem poderia, dos uivos da vilanagem.

... E um só pensamento em uma só vontade, dissei-me, não será viver? (Botto, 2010, p. 129-130).

De acordo com António Fernando Cascais, o manifesto de Botto trazia um metadiscorso sobre sua própria obra, onde o poeta optou por não assumir “qualquer postura ético-política de autodefesa contra a homofobia omnipresente de que era objeto” (Cascais, 2023, p. 15), resguardando o seu posicionamento para ser anunciado, direta ou indiretamente, no corpus poético. Por sua vez, Anna Klobucka cha-

ma atenção ao poema “Palavras dum avestruz todo gris”, publicado pelo autor na revista *Contemporânea* em dezembro de 1922, que reúne elementos que aludem ao conflito que começava a se desenrolar em páginas da imprensa, antes de tomar a proporção dos meses seguintes (Klobucka, 2018, p. 115-116). Segundo a pesquisadora, o texto não é lembrado como parte das discussões sobre a Literatura de Sodoma, mesmo sendo inegável associá-lo a uma “intervenção do sujeito-pretexto” à medida que o debate passava a tomar um rumo mais intenso:

Arrancaram-me as penas  
E eu sofro sem dizer nada:  
– Sou ave  
Bem educada.

E, se quisesse,  
Podia  
Morder-lhes as mãos morenas,  
A esses  
Que sem piedade  
Me roubaram estas penas que me cobrem;

E, no entanto,  
Sem o mais breve gemido,  
O meu corpo  
Vai ficando  
Desguarnecido...

E elas,  
Aquelas  
Que se enfeitam, doidamente,  
Com estas penas formosas  
– Que são minhas!  
Passam por mim, desdenhosas,  
Em gargalhadas mesquinhas.

Sim, eu sofro sem dizer nada:

– Sou ave

Bem educada.

(Botto, 1922, p. 112).

A imagem do avestruz silenciado e violentado em detrimento de suas penas arrancadas pode ser lida como resultado das críticas sofridas por *Canções* desde o seu lançamento no mercado literário português em 1921, quando é publicada a primeira edição da obra. Embora não tenha alcançado a mesma comoção da segunda edição realizada pela editora de Fernando Pessoa, ela causou um notável burburinho dentre alguns críticos, o qual gerou opiniões positivas e comentários elogiosos de escritores como Teixeira de Paschoaes e Manuel Gomes Teixeira. O animal retratado no poema parece remeter à resignação do escritor em reagir aos seus adversários, de maior relevo nas assimétricas relações de poder que marcava a sociedade portuguesa, ao mesmo tempo em que demonstra um certo triunfo e orgulho em saber que suas penas, ou seja, suas criações literárias e estéticas, são utilizadas por aqueles que o perseguem, reafirmando a relevância de seus escritos. Até o final da vida, no material édito e inédito, a questão ocupará um número considerável de poemas que assumirão uma postura contínua de embate do escritor na defesa do seu projeto literário.

Outro texto na seara de autodefesa indireta é o fragmento de abertura de *Cartas que me foram devolvidas* (1932), adicionado posteriormente às reedições subsequentes de *Canções*, onde alude de maneira tangenciada às perseguições sofridas e ao escárnio dos seus detraidores, numa dada interligação com o manifesto e o poema da década anterior. Porém, no texto, há a referência direta aos “inferiores” opositores, demonstrando uma posição mais ferrenha contra os que lhe condenam, um comportamento frequente a muitos dos escri-

tos preocupados em reformular as autoafirmações contra a parcela do campo literário e da intelectualidade que o menosprezava. No conjunto dos escritos contra a ação dos opositores de sua obra, Botto oscila entre uma espécie de resistência desinteressada e indiferente frente às diversas oposições e reprimendas sofridas, muitas vezes disfarçada numa atitude resignada e fragilizada, e uma marcada superioridade em relação aos seus antagonistas:

tenho direito às minhas ideias embora não tenha direito à minha vida. Das minhas *Canções*, da minha arte, muitíssima coisa se tem dito! E eu ainda nem sequer tentei explicar, publicamente, este ou aquele pormenor erradamente compreendidos. Mas, explicar, – para quê? Os inferiores têm outro entendimento e falam outra linguagem... Distante, escrevo os meus versos indiferente à sedução fácil e indiferente, também, àqueles que não sabem ou não podem compreendê-los. (...) (Botto, 2018, p. 310).

O fantasma do questionamento sobre a validade de sua poesia acompanhará a trajetória do escritor, iniciada no auge da carreira e perseguindo-o até a sua derrocada. Embora tenha contado com o apoio de figuras tutelares do mundo literário português da época, o descrédito crítico será um inimigo palpável, com quem terá de combater constantemente no intuito de defender a credibilidade de seu projeto poético e de sua posição de artista. Numa entrevista realizada em 1935 pelo *Diário de Lisboa*, Botto, assinalado como uma das “flores do mal” da Literatura Portuguesa, comparado ao francês André Gide, também um confesso homossexual, reafirma a legenda de autor polêmico sustentado por ele ao longo dos anos, por conta de ser “discutido, negado com veemência, mas também apaixonadamente admirado”. A apresentação do poeta, realizada pelo autor não identificado da reportagem, frisa a sua atitude provocativa e “inteligente malícia”, que, nos passeios orgulhosos por Lisboa, espalha as suas “ironias mais duras”, deixando atrás de si “um rastro sensa-

cional de escândalo”. Tal rastro reluz o “belo retrato do seu espírito”, marcado “talvez por uma certa pose, muito retoque de artifício”, num exato reflexo de sua personalidade de poeta, “tanto nas suas qualidades como nos seus defeitos”. No questionário, o entrevistador busca salientar a relação conflituosa do poeta com os agentes do campo literário português:

- O que diz dos seus adversários literários?
  - Imitam-me, copiam-me, e, depois, dizem mal de mim. Mas a culpa não é deles...
  - É caso para dizer: Benaventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus...
- Botto, pouco cristão, insiste:
- Tenho dado de mamar a muitos e tenho inventado alguns; por conseguinte, é justo que lhes sofra as consequências. Agora com a publicação de um novo livro meu, originalíssimo, devem aparecer mais umas dezenas de imitadores e outras tantas de inimigos. Mas, estas coisas são assim mesmo... Ainda há pouco li um livro francês em que se chama plagiador a Anatole France; plagiador a Vitor Hugo; e poeta de trazer por casa a Verlaine. Já vê que cá e lá más fadas há. (...) (Dez (...), 1935, p. 5).

Porém, algumas vezes, Botto precisou recorrer a posicionamentos mais diretos sobre as críticas sofridas, sem a ironia ou a indiferença. Um dos pontos das inúmeras tentativas de descredibilização de sua obra, apontada na entrevista, era a frequente acusação de plágio que atravessa parte considerável das suas composições. Num dos textos mais contundentes sobre as observações contrárias aos seus escritos, “Uma página breve das minhas memórias”, publicado em 1938, no *Diário de Lisboa*, o poeta reage violentamente aos ataques dirigidos a ele e à sua obra, rompendo o silêncio que utilizava como arma contra seus opositores:

afinal, quebrei o juramento que eu a mim próprio fizera de não responder aos milhentos ataques dirigidos à minha obra de escritor e de poeta. Resolvo, aqui, responder-lhes. Sem rancor, sem azedume, sem ironia, mas com piedade – uma piedade cristã, aqui lhes dou a honra de mostrar que estou a par de todas essas infamiazinhas, de todo esse miserável arsenal de insinuações de que tem sido alvo a minha poesia, o meu teatro, e o mais que tenho publicado durante uns vinte e tantos anos. Agora, subi a plagiador. É esta a mais recente consagração que me foi dada. (...) Fingem não admitir nem aceitar que eu seja o desprezioso e humilde criador de uma nova escola poética onde a chamada ‘Poesia Moderna’, de há dezoito anos a esta parte, bebeu e bebe impulsos do seu alento espiritual, embora erradamente compreendidos! (...)

Alguns fazem parte de uma fauna de cretinos estropiados da mais sólida competência que não hesitam em proclamar as suas sentenças ‘irrefutáveis’ e os seus ‘direitos’ de pseudo-orientadores da sagrada opinião pública. Outros, andam aí em cardume pelas esquinas, pelos cafés, à porta das livrarias, e nos corredores dos teatros em noites de ‘première’! O que eles dizem ultrapassam todo o limite da insolência mascarada da mesma inveja doentia... (...) E nada escapa a esses meninos bonitos: retalha-se a vida particular da vítima de mistura com a obra; inventam-se histórias fantásticas e ‘blagues’ as mais torpes e inconcebíveis! As gargalhadas estoiram – larvadas, imbecis, sonoras... Triunfantes, despendem-se, por fim, uns dos outros, num tropel de quem teme vagamente o merecido castigo a tanta perversidade. Mas continuam no dia seguinte à mesma hora, e no outro dia, e ainda no outro, e sempre – sempre!, até que envelhecem ou morrem roídos pela própria inferioridade. (...) (Uma página (...), 1938, p. 1).

Embora não existam no texto referências diretas a críticos específicos, Botto parece ter direcionado seu texto à publicação de um livro de Amorim de Carvalho dedicado a destrinchar a falta de originali-

dade de sua poesia publicada naquele ano. Em *Através da obra do Sr. António Botto*, o crítico discorre acerca da sugestibilidade livresca na maioria da obra bottiana, oriunda quase sempre da literatura estrangeira, e da proximidade com a poética popular, reconhecida como um importante manancial para as composições do poeta, de onde o poeta reaproveita inúmeros motivos e criações. Carvalho, obstinado a questionar o lugar de destaque destinado a Botto por parte de muitos críticos relevantes do quadro crítico português, destaca a presença de aproximações possíveis entre textos adaptados pelo poeta nos poemas e narrativas de sua autoria. O analista afirma não pretender atacar ou defender o poeta, nem mesmo acusá-lo de plagiador, mas alertar a clara “mistificação” em torno do seu conjunto literário, sustentado por ideias estabelecidas de uma crítica pouco realista, viciada em promover autores que não conseguem sustentar as leituras e qualidades que lhes são imputadas (Carvalho, 1938, p. 72-73). Segundo o autor, numa leitura atenta, destinada a mapear as repetidas sugestibilidades exteriores, Botto utiliza de um mesmo estratagema ao longo das suas criações: a adaptação de textos e ideias de outrem, reescritos de forma mais ou menos livre, conforme o seu estilo esqualido e limitado, de pouca inteligência e arrojo criativo.

Conquanto apresente alguns versos que realmente podem ser lidos como alusões e referências a escritos conhecidos, muitas das comparações realizadas por Amorim de Carvalho parecem forçadas ou descabidas, por partirem de apontamentos de topos e imagens compartilhadas por uma gama incalculável de textos literários, não configurando necessariamente uma inspiração reaproveitada por Botto. Por exemplo, o analista sublinha a familiaridade de versos do poeta com um trecho de ensaio de Eça de Queirós, publicado em *Prosas Bárbaras* (1903), “[...] a chaga incurável do sol: *dela escorre luz*”, adaptado por Botto da seguinte maneira: “Os meus ombros florentinos /... Eram *chagas luminosas* / *Alumiando* o meu corpo...”, e

depois numa variante “Os meus ombros florentinos / ... Deixavam / *Escorrer* pelo meu corpo / *Uma luminosidade fria...*” (Carvalho, 1938, p. 49). Outra suposta proximidade existiria com o verso de Eugénio de Castro: “*Nos teus olhos há mãos* pálidas dizendo adeus”, repetida por Botto como “*Nos teus olhos /... Mãos* esquálidas rasgando /os bordões duma guitarra”. Os versos bottianos, “Como um barco sobre as águas / A tua carne inda range”, são comparados com o de Mário de Sá-Carneiro, “Ela dança, ela range”, e com o fragmento de Eça de Queirós, “... Corpo tisonado que rangia...”. De modo geral, muitas das aproximações do crítico não se sustentam, por desmerecerem e subestimarem a capacidade de Botto em criar imagens comuns tanto quanto outros escritores, além de enxergar proximidades discutíveis dele com autores canônicos. Apesar de considerar a presença de “contactos acidentais” entre diferentes escritores, o crítico levanta suspeitas apenas da conduta do poeta analisado. Segundo Carvalho, os paralelos entre os diferentes projetos literários citados apontam para “o imprevisto de certas expressões rebuscadas e de complexidades que contrastam com a imaginação pouco rica e o estilo pobre do Sr. Botto”, demonstrando o rebaixamento dirigido ao poeta (Carvalho, 1938, p. 49-51).

Certamente, como consequência das décadas de desqualificação de sua obra, uma tensão contra a crítica e outros detratores será frequentemente retomada na poesia da fase mais madura de Botto. À medida que foi perdendo espaço no mercado editorial, a pena do autor foi se tornando mais viperina e combativa contra seus opositores, o que levou ao seu gradual isolamento, compelindo-o a emigrar para o Brasil, e depois, já no país, ao ostracismo e esquecimento. Em “À luz das estrelas”, poema substancialmente confessional de *O livro do povo* (1944), o poeta externaliza a luta e a resistência frente à inegável hostilidade que afetava a sua recepção e suas relações com o mundo literário e intelectual português, reafirmando o embate con-

tra os preconceitos com que sempre teve de lidar. Naquela altura, a rede de sociabilidade de Botto estava francamente fragilizada, pois muitos dos laços com antigos colaboradores e apoiadores estavam rompidos ou enfraquecidos, causados sobretudo por questões pessoais. Também, como era habitual, os versos trazem a autoafirmação orgulhosa do autor, que autoproclama a força de sua poesia, onde tracejara “os novos rumos da beleza”:

Porque tenho inimigos, sim – não sei!...  
 Mas são muitos e ainda os não contei.  
 Poeta! Nunca fiz mal a ninguém  
 E o bem-estar que me cabe nesta vida,  
 Esse pouco que peço para mim,  
 Reparto-o por quem pede o meu auxílio  
 E nunca me lamento, – sou assim. (...)  
 Posto à margem de todos os banquetes  
 Nunca fui um conviva desejado.  
 E é por isso que eu amo os infelizes  
 E choro quando oiço a voz do fado. (...)  
 Nunca soube trair uma afeição:  
 Não intrigo, não roubo uma ideia,  
 – Nem fico indiferente a dor alheia. (...)  
 Quantos ao ler estes magoados versos  
 Não dizem: –Mas que autêntico idiota  
 A julgar que há um olhar que o tome a sério!  
 Eu sei: eu sei, eu sei que sou odiado  
 Como um caso sem norte ou um mistério  
 Que floresce em poemas sem controle (...)  
 À força de calúnias, – tanto ódio!  
 Chego a pensar que valho e sou alguém!  
 Apaixonado e frágil, nos meus livros  
 Tracei os novos rumos da Beleza  
 Na música da métrica sem peias  
 Que foi de encontro a todas as medidas

E desafia o preconceito e a morte  
De gente sem jogar as escondidas!  
(Botto, 1944, p. 124-125).

Durante a década de 1940, Botto precisou enfrentar os evidentes sinais do desgaste de sua carreira e o início do seu declínio literário, apesar de ser um dos instantes mais prolíficos de criação. Neste período, o escritor publicou duas novas edições de *Canções*, bastante aumentadas em relação às anteriores, organizou a publicação da obra completa – poética narrativa e teatral –, e trabalhou no lançamento de dois novos livros que intentavam romper com a sua produção mais conhecida, *O livro do povo* e *Ódio e Amor* (1947), apresentando novas preocupações temáticas e formais, mais afeitas ao que era produzido pelos autores coetâneos. Entretanto, o resultado não foi o esperado e o poeta viu-se compelido a partir para o Brasil em busca de melhores condições de trabalho, recuperando, talvez, a retomada do seu alquebrado destaque literário. Desse modo, Botto deu início ao exílio, mais compulsório do que voluntário, já que, em Portugal, “a vida lhe foi tornada impossível” (Cascais, 2023, p. 38). A perda de espaço no campo literário português e o expurgo às sexualidades dissidentes colocadas em prática pelo poder estatal certamente impactaram negativamente os caminhos trilhados pelo poeta naqueles anos ao minarem as possibilidades de sua existência, compelindo-o a imigrar.

Numa demonstração nítida do desagravo causado pela figura conturbada de Botto ao regime salazarista, o poeta é atingido pela notícia de sua exoneração do cargo público em 1942. Depois de quase vinte anos de serviços prestados, o escritor foi exonerado, sem direito à pensão, de função desempenhada desde 1924, sob acusações homofóbicas, pelo fato de ter uma conduta abertamente homossexual no ambiente de trabalho. Segundo a publicação do *Diário do Governo*,

entre a acusação de desacatar uma ordem de transferência manifesta pelo diretor da repartição e outra de escrever versos e recitá-los durante o horário de expediente, o poeta era acusado de não manter a “devida compostura e aprumo”, ao dirigir galanteios e frases de “sentido equívoco” a um colega, expondo “tendências condenadas pela moral social” (Parecer, 1942, p. 5795). Nos primeiros anos do Estado Novo, o poeta fora vítima da perseguição aos desvios morais combatidos pelo regime, acompanhado por mulheres também listadas no documento oficial, acusadas e expurgadas do funcionalismo público devido aos indecorosos comportamentos, considerados imorais e incompatíveis com a moral vigente. Do grupo dos funcionários expostos a sanções naquela edição do documento oficial, com variados graus e tipos de infrações, apenas as mulheres e Botto, homossexual, foram exonerados dos cargos ocupados, pois as suas indisciplinas, todas da ordem dos costumes, feriam os “princípios de elementar moralidade” e do “indispensável decoro” que suas funções exigiam. Segundo Zetho Cunha Gonçalves, após a exoneração, Botto, num arremedo exibicionista, tão próprio de sua personalidade provocativa, ironizou a situação afirmando aos amigos mais próximos que era o único homossexual que existia em Portugal, “reconhecido oficialmente por decreto-lei” (Gonçalves, 2014, p. 15). Sem o ordenado garantido a cada mês e as dificuldades de sobreviver dignamente no seu país, a travessia transatlântica pareceu ser a única alternativa.

No começo da estadia de Botto no Brasil, a imprensa local deu grande enlevo ao poeta, recebendo-o como um dos maiores escritores portugueses vivos, com notícias que apresentavam e divulgavam a obra bottiana a um público brasileiro que ainda o desconhecia. A intelectualidade e o mundo literário brasileiro o receberam de maneira entusiasmada, afinal contariam com um autor supostamente de renome mundial, como circulava nas autoinvenções propaladas há anos pelo escritor. Infelizmente, para Botto, o início do desgaste

de sua presença no Brasil se deu desde os primeiros dias do exílio, quando se viu novamente enredado numa onda de boicote e repúdio.

Uma entrevista publicada no jornal *Diretrizes*, no final de agosto de 1947, selou de maneira negativa muitas das reações do público brasileiro posteriores, assim como de muitos membros da comunidade portuguesa no país. O periódico, numa denúncia do jornalista Viegas Neto, reproduziu afirmações do poeta contra o ambiente cultural português, atacando nominalmente diversos escritores, intelectuais e artistas lusitanos, bem como comentários negativos contra o governo português e sobre a comunidade portuguesa residente no Brasil<sup>3</sup>. As afirmações contra Portugal, proferidas por Botto, aconteceram numa reunião organizada na casa do cineasta e jornalista português Fernando de Barros, testemunhadas também pelo cineasta e jornalista português Chianca de Garcia e o escritor brasileiro Jorge Amado, além de outros convidados ilustres. O quiproquó rendeu carta de retratação do poeta português, publicada na imprensa, negando todo o ocorrido e acusando Viegas Neto de ter inventado a situação, bem como a reafirmação por parte do autor da denúncia e de Barros da veracidade das falas antipatriotas do escritor. Para além do aspecto da fofoca que o caso anedótico gerou, interessa-nos as ressonâncias da situação nas reações geradas pelo texto do *Diretrizes*

---

<sup>3</sup> “[...] António Botto resolveu xingar Portugal, sua cultura, e tudo mais, a dizer que não existem artistas do pincel em sua terra, e que os seus colegas de ofício são ‘grandes pequenos sífilíticos’, que Amélia Rei Colaço é uma imbecil e canastrona de quatro costados, que o poeta José Régio, que começara bem porque escrevera um livro de quatrocentas páginas sobre ele [...]. Segundo A. Botto, Portugal é uma choldra maior que a do Eça, e que de lá, só ele, o ‘gênio’, o ‘sublime’, o ‘incompreendido’, o novo Camões, o ‘incomensurável’, o Homero portugalense. Antes dele, alguns, com ele e depois dele, ninguém, ninguém!” (O Boto, 1947, p. 3).

e os impactos negativos que trouxeram para Botto a curto e longo prazo no Brasil.

O tom de reprimenda pelo antipatriotismo e megalomania de Botto vai ser a tônica das críticas tecidas por portugueses e brasileiros sobre a contenda. Mas, para além do patriotismo, muitas das críticas acabaram por descavar outros preconceitos existentes contra o poeta, revelando, no fundo de alguns dos comentários, a homofobia que circundava a sua trajetória no ambiente literário luso-brasileiro. Alusões à homossexualidade do poeta foram proferidas diversas vezes durante a sua estadia no país, mas o discurso homofóbico ocorreu desmesuradamente durante o período, quando, de fato, foram referidos comentários que remetiam para a sexualidade desviante do escritor. Um dos comentários é o do comerciante português Carlos Alvim Barroso, que, indignado pela demonstração antipatriótica do poeta, envia carta aberta ao jornal *A Noite*, a qual alude à conhecida “tara” do poeta na sua terra natal:

António Botto, conhecido poeta português, de gestos ‘profundamente’ delicados e voz macia, chegou recentemente ao Brasil, e, em entrevista ao vespertino ‘Diretrizes’, fez referências chocantes à sua Pátria e aos seus homens. [...]

Eu compreendo a sua mágoa. No fundo é a revolta de um tarado que vagava nas ruas de Lisboa, de lanterna em punho à procura de... inspiração. [...]

Sr. António Botto, não fora o respeito que tenho pelo Brasil, pela sua imprensa e pela certeza do conceito magnífico em que é tido o pobre mas glorioso Portugal pelos brasileiros, a minha resposta aos insultos lançados a Portugal pela sua repelente figura seria outra. Continue com a sua tara e a sua lanterna à procura de alguém noutras plagas (Barroso, 1947, p. 3).

Mais referências à homossexualidade de Botto aparecem no artigo “Wilde de Fancaria”, texto de autoria não identificada, que também

reage à polémica iniciada no *Diretrizes*. O jornalista é bem direto em sua evidente homofobia, sem grandes disfarces, a começar pela associação satírica do poeta com o também escritor homossexual Oscar Wilde, referido no título. Para tanto, ele denuncia a necessidade constante de Botto em chocar as audiências, afinal se trata “desses artistas que pretendem chamar atenção sobre si não pelo valor de suas obras, mas sim pelas atitudes extravagantes e paradoxais que tomam em sua vida”. Além disso, o autor do texto enfatiza que o escritor já não é bem-visto, moralmente, em sua terra natal devido à “carga homossexualista que caracteriza a sua poesia, e que mereceu a repulsa geral de todos os seus patrícios” (Wilde [...], 1947, p. 2). Desandando o argumento em torno de um discurso patriótico, aponta para a arrogância e o egocentrismo desmesurado do poeta, e arremata:

Cabotino dos mais conhecidos, caluniador de sua pátria e de seu povo, o sr. António Botto acabará por apresentar-se tal qual é — cidadão de baixos sentimentos e artista cuja moral, baseada num homossexualismo atrevido e despudorado, merece apenas o desprezo dos homens de bem, mais que não será nunca o representante de uma gente viril e nobre, a gente portuguesa (Wilde [...], 1947, p. 2).

A controvérsia também gerou questionamentos sobre a índole de Botto, onde algumas vozes duvidaram do suposto antissalazarismo do poeta, que chegou a afirmar, muitas vezes, ser vítima de perseguição política em Portugal, um dos principais motivos do seu exílio no Brasil. Dois textos publicados na *Gazeta de Notícias*, da mesma autoria não assinalada, revelam um jornalista indignado com o cabotinismo de Botto, com a sua prática recorrente de autoadulação e como ele tentou desagradar o próprio país para ganhar a simpatia dos brasileiros, apostando no ressentimento contra os antigos colonizadores. O autor mostra-se cético da atitude antiportuguesa e

antissalazarista do poeta, e destaca que ele age oportunistamente, como um novo “Cabral” na intenção de ganhar o apoio dos brasileiros deslumbrados com as suas falsas glórias (O Boto, 1947, p. 3). Num novo texto, alguns meses depois, numa reação ao sentimento de “mal-estar” geral contra as “atitudes delirantes” de Botto, um “renegado” e “ vaidoso mórbido”, o jornalista flerta com o preconceito expresso por alguns dos seus colegas da imprensa, disfarçado pelo uso jocoso de uma expressão estrangeira homofóbica, num trocadilho mal-intencionado:

[...] Não nos enganamos com esse ‘amor-perfeito’ que veio de Lisboa, tocado pelas Tágides, fartas de sua poesia, mais fartas ainda de quem as escrevia. [...]

Aí está o segundo capítulo do reinado de Boto, o Grande, nestas plagas, e caracterizado pela falta de pudor (!), e sobretudo pela ausência de respeito para com o país que o agasalhou, e para com o povo liberal e gentil que o recebeu. Acertamos de início sobre esse ‘calhau’, e dele podemos dizer o que dizem os ingleses, desses poetas à Boto: ‘He is a *pansy*...’<sup>4</sup> (Ainda [...], 1947, p. 3).

Mais um posicionamento que questiona a índole de António Botto e a suposta posição antissalazarista por parte do poeta português é publicado pelo escritor Dalton Trevisan, no auge dos seus 22 anos, numa franca demonstração de que nem todo o campo literário brasileiro foi favorável ao português recém-instalado no país. Trevisan era editor da *Joaquim*, revista iconoclasta que buscava romper com o provincianismo cultural paranaense no âmbito do debate literário

<sup>4</sup> Segundo o Cambridge Dictionary, a palavra inglesa *pansy* pode ser traduzida como a flor “amor-perfeito”, mas também corresponde “an extremely offensive old-fashioned word for a man who is gay, whose behavior is considered to be like that of a woman” (Pansy, c2025).

nacional, e reagiu violentamente a um pedido do poeta de contribuir com a publicação em fins de 1947. Evidentemente influenciado pela tumultuosa primeira impressão causada por Botto nos meses seguintes à sua chegada, o escritor reforça o lugar-comum do cabotinismo do poeta, refutando muitas de suas invenções e excentricidades, e avança para uma irônica e indisfarçada homofobia:

Antonio Botto, segundo o Doutor Antonio Botto, é o maior poeta vivo de Portugal e se ruim poeta é o seu maior poeta, pior para Portugal. (...) usa peninha no chapéu e marca entrevistas na praia de Copacabana como sendo o homem, com um gerânio na mão, que olha para o mar... Um grande poeta tem direito de ser cabotino e o boto, sem ser poeta, é apenas cabotino. (...)

O boto é um gênio e a prova disso são as cartas que lhe escrevem Joyce e Gide, embora nenhum leia em português ou por isso mesmo. Claro está que, nenhum crítico, poeta ou pessoa responsável escreveu qualquer elogio ao Doutor Antonio Botto.

(...) O cronista simpático que se assina Franquilin de Ó-liveira proclamou que o boto é, em verdade que vos digo, um gênio. No entanto, a poesia do Doutor Antonio Botto, feita de lugares-comuns, é de um lirismo barato de sabonete de loja de turco. Se, de algum modo, é célebre o poeta, o é pela sua ‘carne de seda’ ou ‘ombros florentinos’ e jamais pela sua obra.

(...) Talvez um boto seja contra o regime de Salazar. Preferimos supor que não, pois ele é o anúncio da podridão, primarismo acariano e debilidade mental do regime fascista português (Trevisan, 1947, p. 5).

Apesar de relativo êxito num primeiro momento, tais atritos foram marcantes para a construção e o esgotamento das relações de António Botto no Brasil. O autor sentiu o impacto de tais eventos, retroalimentando as consequências deles para justificar o ocaso de sua carreira em momentos subsequentes, tanto na imprensa quanto nos textos poéticos e memórias inéditas. Uma das reações à denúncia

de *Diretrizes*, notadamente equivocada por parte do poeta, aconteceu numa entrevista cedida ao jornalista da *Gazeta de Notícias* Abílio de Carvalho, declarado admirador da poesia bottiana, em 1953. Em “António Botto desmascara os seus caluniadores”, reportagem de forte acento sensacionalista, dividida em quatro partes, são detalhados os pormenores da “armadilha” realizada contra o escritor, publicada anos antes. No texto, a colônia lusa aparece como maquiavélica e responsável pelo seu descarte do mercado literário brasileiro e português, citando os nomes dos portugueses Chianca de Garcia e Fernando de Barros, e do brasileiro Jorge Amado, como alguns dos seus maiores conspiradores. Botto oferece ao periódico uma história rocambolesca, cheia de intrigas e mexericos, permeada de nomes de personalidades conhecidas do ambiente cultural luso-brasileiro, forjada com o intuito de destruir a sua posição de autor de Literatura Portuguesa que mais vendia na época, não em “números vulgares” como os seus congêneres, mas com milhares de exemplares vendidos no mundo inteiro. Todavia a última parte da reportagem consiste num desabafo do jornalista afirmando que Botto, após a publicação do material, pediu os originais e o cancelamento da reportagem, pondo fim à continuidade da intrincada trama que se propusera a expor. Certamente, depois de dar início ao desacertado ataque, o poeta deve ter repensado a gravidade de reaparecer atrelado ao espinhoso assunto, bem como os entraves legais que poderiam existir em consequência das afirmações proferidas no jornal (Carvalho, 1953).

A incendiária entrevista do jornal *Diretrizes* e os seus desdobramentos foram tematizados também em poemas inéditos de António Botto. Dado o caráter biográfico e memorialístico de parte considerável da poesia resguardada no espólio bottiano depositado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), alguns acontecimentos da sua trajetória foram reprisados a fim de justificar as dificuldades do presente, bem como contar às gerações vindouras as injustiças a que o poeta foi sub-

metido pela ação dos seus detratores. Nestes textos, podemos afirmar que Botto lê a sua própria história, passando a limpo muitos dos fantasmas de sua vida, com o intuito de explicar e reconstruir os eventos passados conforme a sua própria versão. Para tanto, o autor constrói uma narrativa que o favoreça, em contraponto ao seu estado fragilizado e aos obstáculos impostos pelo exílio brasileiro, uma continuidade coerente com as autoinvenções que propagou durante toda a carreira. Desse modo, o poeta oferece ao futuro uma espécie de autobiografia poética, como se pode notar nos vários poemas autoficcionais, onde ele eleva ao extremo a sua capacidade em coadunar vida e obra.

Sendo assim, parte da poesia de António Botto, ancorada em elementos autorreferências, reais ou inventados, mostra-se como um espaço autobiográfico, principalmente nos últimos anos, quando o poeta dedicou uma parcela considerável de poemas a reprisar os episódios da sua malfadada trajetória. Na ausência de um canal onde pudesse se expressar livremente, e na tentativa de resistir ao silenciamento que lhe foi imposto, o espaço textual, na esfera privada, era o único lugar onde Botto podia “reagir” naquele momento, mesmo que no foro íntimo, onde escreveu páginas e páginas de diferentes versões, com algumas contradições entre elas, dos principais acontecimentos de sua vida. O poema, a seguir, é exemplar desta ação, no qual o escritor repassa os danos pessoais causados pela fatídica entrevista e a falta de apoio da colônia portuguesa, ludibriada pela mentira dos seus opositores:

Passo a vida a fazer contas  
De contas que eu não devia,  
E a explicar injustiças  
Com esta velha agonia  
De ter que falar em coisas  
Que eu não fiz nem provoquei,  
É para ficar doente  
E eu doente fiquei.

Pretenderam-me sujar com a lama da calúnia  
 E a dessa vil difamação,  
 E apesar de com violência refutar e desmentir  
 Tudo quanto na chantagem desse jornal ‘Diretrizes’  
 Se publicou e se fez,  
 Na colônia portuguesa onde a ignorância é muito,  
 Milhares acreditaram que o Poeta português  
 Tinha o que eles disseram,  
 E se aqui falo em milhares  
 Foi porque vi, claramente,  
 Um certo ar indiferente  
 Dos que são do apostolado  
 Do patriotismo fictício [...]  
 (Botto, BNP E12/100).

Recurso semelhante é realizado num soneto onde Botto buscou destrinchar e denunciar a ação maquiavélica dos seus detratores. O poema faz parte do projeto “O poeta adoeceu”, escrito por Botto durante o período da internação entre 1955 e 1956, quando os jornais portugueses e brasileiros retratavam-no como um indigente doente e miserável no Brasil. Nessa época, um dos principais gêneros adotados pelo poeta é o soneto, seja para destrinchar homenagens a seus amigos e outras personalidades a quem ele tentava angariar algum apoio financeiro ou de influência, ou para abordar temas circunstanciais e confessionais:

Depois de um mês no Rio de Janeiro,  
 Um farfalhado grupo comunista,  
 Desses que fazem pelo globo inteiro  
 Perseguição a todo o real artista  
 Que não seja, por eles, passageiro  
 Dessa escura doutrina de anarquista, –  
 Publica, sobre um homem verdadeiro,  
 Uma estúpida, falsa, entrevista,

Revelando, isenção de humanidade,  
E mostrando na mórbida luxúria  
Palavras da mais torpe indignidade.  
Mas o destino existe, e tudo fez:  
Veio por carta destruir a injúria  
Na consciência de um que é português.  
(Botto, BNP E12/115).

Por fim, mas não esgotando o conjunto textual que aborda as consequências da entrevista na biografia de Botto, o poema seguinte aborda um dos temas mais comentados pelo escritor, para além da sua afirmação e importância para o mundo literário, o oposto dela: os motivos do seu ostracismo e esquecimento. Vinculando os adversários brasileiros a um movimento iniciado no seu país, o poeta denuncia a ação deliberada de um suposto grupo de literatos portugueses que, em ações conjuntas, agiram por sobrepujá-lo, numa ardilosa “campanha do silêncio” responsável por atrapalhar as vendas de suas obras em Portugal e no Brasil, bem como a divulgação de novos poemas na imprensa. Apesar do texto não citar nomes, o poeta, no âmbito da Literatura Portuguesa, deixou variados escritos contra Adolfo Casais Monteiro, supostamente um dos seus principais opositores, José Régio e João Gaspar Simões, revelando o ressentimento contra os críticos da *Presença* iniciado ainda na década anterior, quando as boas relações entre eles azedaram por completo:

Os grupos de literatos  
Que nunca foram coisa alguma  
Após a minha viagem  
Para terras do Brasil  
Deitaram esquecimento  
E campanha do silêncio  
Sobre a obra do Poeta  
Renovador das ‘Canções’.

Eu deixei de figurar  
 Nos boletins da sanidade  
 Literária e cultural  
 Da imprensa portuguesa.  
 Além disso, agarraram  
 Na calúnia destruída  
 Da entrevista publicada  
 Nesse jornal de chantagem  
 Que se chamou 'Diretrizes'  
 Tanto e tão caluniador  
 Que foi proibido e acabou,  
 Para eu ficar desaparecido  
 Como quem rasga um jornal. [...]

(Botto, BNP E12/103).

Como visto, a trajetória de António Botto foi marcada por diversas tentativas de impedimento, desvalorização e silenciamento. Embora, em um primeiro momento, tenha utilizado as polêmicas em torno de *Literatura de Sodoma* como um meio para alcançar notoriedade literária, o poeta enfrentou, ao longo de sua vida, as repercussões negativas dessas controvérsias, que dificultaram a plena aceitação de sua poesia. Constantemente, Botto precisou reafirmar a legitimidade de seu projeto poético e sua posição como escritor digno de reconhecimento e respeito. Ainda que tenha recebido leituras favoráveis que destacavam sua contribuição para o modernismo português, como apontado por críticos como Fernando Pessoa, José Régio e Jorge de Sena, sua produção poética foi alvo de recorrentes ataques. Tais críticas, em muitos casos, pareciam pautadas menos por critérios estéticos e mais por juízos morais, revelando os preconceitos latentes de uma determinada época.

Além disso, aspectos de sua personalidade – frequentemente descrita como narcisista, megalomaníaca e cabotina – aliados ao preconceito homofóbico, influenciaram significativamente os testemu-

nhos e análises sobre sua obra. Em um contexto conservador como o de Portugal nas primeiras décadas do século XX, a afirmação de sua identidade fez de Botto um alvo constante de desprestígio e de ridicularização. Tal processo contribuiu para o rebaixamento de seu papel na consolidação da estética modernista e na afirmação da literatura homoerótica em Portugal, relegando sua obra a uma posição secundária em momentos que demandariam maior reconhecimento na história literária do país.

Partindo do exposto, pode-se compreender não apenas a importância do poeta para refletir as inúmeras perseguições direcionadas a escritores de sexualidades divergentes, e como eles necessitaram reagir a um meio intelectual hostil, mas também pensar sobre as engrenagens de exclusão e marginalização que persistiram no campo literário e cultural, como elas ficam inscritas nas narrativas e discursos sobre determinados autores e obras.

RECEBIDO: 28/02/2025

APROVADO: 17/03/2025

### REFERÊNCIAS

A TRAGÉDIA temporária do poeta António Botto. *Repórter X*, Lisboa, n. 2, 26 out. 1929, p. 1 e 3.

AINDA o Boto. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 72, n. 281, p. 3, 29 nov. 1947.

BARROSO, Carlos Alvim. A mágoa do poeta. *A Noite*, ano XXXVII, n. 12.662, Rio de Janeiro, p. 3, 5 set. 1947.

BOTTO, António. *Canções*. Lisboa: Guimarães, 2010.

BOTTO, António. Espólio. E12. Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, Fundo António Botto, Lisboa.

BOTTO, António. *O livro do povo*. Lisboa: Eclética, 1944.

BOTTO, António. Palavras de um avestruz todo gris. *Contemporânea*, Lisboa, n. 6, p. 112, dez. 1922.

BOTTO, António. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.

- CARVALHO, Abílio de. Antônio Boto desmascara os seus caluniadores. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 78, n. 126, p. 12, 4 jun. 1953.
- CARVALHO, Amorim. *Através da obra do Sr. António Botto*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1938.
- CASCAIS, António Fernando. O manifesto dele a toda a gente. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 14-40, 2023. DOI: 10.11606/va.i2.209169. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/209169>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- CUROPOS, Fernando. António Botto e Fernando Pessoa nas ruas de trás. In: RIBEIRO, Nuno; BASTOS, Margarida Almeida (org.). *António Botto e Fernando Pessoa: poéticas em diálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2021. p. 27-46.
- DEZ minutos com António Botto. *Diário de Lisboa*, Lisboa, p. 5, 22 mar. 1935. (Suplemento Literário).
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- GONÇALVES, Zetho Cunha. *Notícia do maior escândalo erótico-social do século XX em Portugal*. Lisboa: Letra Livre, 2014.
- KLOBUCKA, Anna. *O mundo gay de António Botto*. Lisboa: Documenta, 2018.
- LEAL, Raul; SENA, Jorge de. *Correspondência 1955-1960*. Lisboa: Guerra e Paz Editores, 2010.
- O BOTO. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 72, n. 203, p. 3, 30 ago. 1947.
- PANSY. In: CAMBRIDGE Dictionary, Cambridge, c2025. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/pansy>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- PARECER. *Diário do Governo*, Lisboa, n. 262, p. 5794-5796, 8 nov. 1942.
- PESSOA, Fernando. António Botto e o ideal estético em Portugal. *Contemporânea*, Lisboa, n. 3, p. 121-126, jul. 1922.
- TREVISAN, Dalton. A Mameluca. *Joaquim*, Curitiba, n. 15, p. 5, 1947.
- UMA PÁGINA breve das minhas memórias. *Diário de Lisboa*, Lisboa, p. 1, 12 ago. 1938. (Suplemento Literário).

WILDE de fancaria. *Jornal de Notícias*, São Paulo, ano II, n. 416, p. 2, 30 ago. 1947.

### **MINICURRÍCULO**

**OSCAR JOSÉ DE PAULA NETO** é Doutor em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Integrante do Polo de Pesquisas Luso-brasileiras (PPLB) do Real Gabinete Português de Leitura.